

## LITERATURA ANGOLANA

### ANTOLOGIA

#### ENTRE A LUA, O CAOS E O SILÊNCIO: A FLOR

ANTOLOGIA DE POESIA ANGOLANA

Prefácio de Francisco Soares

Organização de Irene Guerra Marques e Carlos  
Ferreira

Lisboa, Guerra & Paz / 2021

Os leitores menos atentos ao fenómeno literário angolano poderão ter a ideia de que a literatura desse país é relativamente recente e estará ainda em processo de consolidação, valendo sobretudo pela ficção, graças a autores como Luandino, Manuel Rui, Pepetela, Agualusa ou Ondjaki. Ora, a antologia que a investigadora Irene Guerra Marques e o poeta e letrista Carlos Ferreira acabam de publicar em Portugal mostra um panorama substancialmente diferente, como se percebe de imediato pelo exame externo do livro: mais do que a quantidade de páginas (superior a 600), pode surpreender o número de autores (135) e de poemas (664) e, acima de tudo, o arco temporal coberto (de meados do século XVII até aos nossos dias).

O volume agora publicado pela Guerra & Paz — graças ao patrocínio mecenático do *dstgroup* — é a versão revista e ampliada de uma antologia dada ao prelo em 2011, em Luanda, pela Mayamba Editora. Esta é uma nova etapa do trabalho de colaboração que os dois organizadores vêm desenvolvendo há muito, sobretudo ao nível da publicação de fontes, e de que é exemplo a edição fac-similada *O Boletim Cultural e a Sociedade Cultural de Angola*, de 2013. E, de certa forma, também esta segunda edição de *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor* cumpre um propósito documental, dada a sua abrangência, que se faz sentir de várias maneiras.

Em primeiro lugar, pelo facto de, aproveitando recolhas feitas sobretudo no período colonial, dedicar uma parte (32 páginas, que incluem outros tantos poemas) à literatura oral em quatro das várias dezenas das chamadas línguas nacionais de Angola: kikongo, kimbundo, kwanyama e umbundo. Algumas destas composições acompanham momentos rituais da vida dos respetivos povos (como a circuncisão ou a pastorícia), ao passo que outras sublinham a identidade clânica ou exprimem sentimentos líricos ou satíricos. Estão neste último caso algumas das canções em kimbundo recolhidas por Óscar Ribas, umas datadas do final do século XIX, outras do início de novecentos, que dão conta de episódios quotidianos que marcavam a vivência urbana da época colonial. Note-se que, para além desta secção inicial, a antologia inclui, na parte dedicada à literatura *tout court*, vários textos, de várias épocas, parcial ou integralmente escritos nessas ou noutras línguas nacionais.

Em segundo lugar, por consagrar uma outra divisão àquilo a que chama «Precursores» e que compreende textos escritos entre meados do século XVII e o final de oitocentos. Os dois primeiros poemas, incluídos na *História Geral das Guerras Angolanas*, são da metade de seiscentos e tiveram circulação manuscrita, só quebrada no século XX com a publicação da obra de António de Oliveira de Cadornega. O mais interessante é aquele que começa pelo verso «Nesta turbulenta terra»: trata-se de um longo poema, em 180 versos, que tem por autor, como revelei em artigo de 2013, Luís Félix da Cruz, que foi, entre outros cargos, Secretário do Reino de Angola e publicou um texto em prosa sobre a ocupação holandesa. Apesar da sua visão negativa de Angola, que perturba o sujeito ao ponto de o levar a declarar «e sempre me acho sem mim, / quando me busco», o poema também critica a metrópole

por esta ter feito da colónia seu *munturo*, promovendo um espaço de valores invertidos e «onde a justiça perece / por falta de quem a entenda». É pena, porém, que os organizadores da antologia tenham optado por tentar reproduzir a versão da edição impressa da *História* de Cadornega, na medida em que ela continha já uma série de erros, a que agora se juntam outros, o mais grave dos quais é um *salto* no texto que fez desaparecer os vv. 32-66. Além disso, e não querendo de modo algum valorizar o meu mais que modesto trabalho, estava disponível uma edição crítica do poema, devidamente anotada, o que tornaria o texto mais acessível ao leitor menos especializado.

Na outra parte desta segunda divisão da coletânea, intitulada «Primeiros Textos Poéticos Escritos» (teria sido preferível «impressos», na medida em que os «manuscritos» não deixam de ser *escritos*), inclui-se um total de 32 poemas de onze autores. Alguns deles eram já bastante conhecidos, casos de Maia Ferreira (primeiro autor nascido em Angola a publicar um livro de versos, em 1849), Cordeiro da Matta (poeta, filólogo, folclorista e pedagogo negro) ou Pedro Félix Machado (interessante poeta satírico, além de jornalista e autor de um romance). Outros, como Eduardo Neves ou Lourenço do Carmo Ferreira, são menos conhecidos e citados. Há ainda o caso do «português» Ernesto Marecos, autor do primeiro poema narrativo de temática angolana — *Juca, a Matumbola*, de 1865. A incorporação deste último autor representa um dos sinais a reter da dimensão inclusiva da antologia, de resto já assinada e aplaudida no bem fundamentado prefácio de Francisco Soares, também ele autor de uma *Antologia Lírica Angolana*, publicada pela Unicamp em 2019. Numa fase em que a historiografia e a teoria da literatura angolana estão ainda em for-

mação, é preferível incluir a excluir, sobretudo quando as razões que se apontam para a supressão são de tipo extraliterário. No cômputo geral deste subcapítulo, percebe-se o despontar de uma linguagem que, não sendo propriamente nova face ao discurso literário luso e brasileiro, inclui outros motivos (como a celebração da mulher negra e a reivindicação da autonomia de Angola) e recorre por vezes a uma das línguas locais, o kimbundo.

A terceira razão que comprova a abrangência de *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor* está no último capítulo, «Modernidade e Contemporaneidade (Continuidades e Descontinuidades)», que, como seria de esperar, é o mais longo: ocupando 535 páginas, inclui 604 poemas, de 124 autores. Embora a distribuição dos textos pelos poetas seja equilibrada — a larga maioria está representada com seis composições e só David Capelenguela (com oito) e Raul David (com dez) têm mais —, percebe-se que a antologia propõe um cânone. De facto, uma análise mais fina revela que há um conjunto de 24 escritores representados com sete poemas, alguns dos quais são clássicos indiscutíveis da literatura nacional angolana, já falecidos uns (casos de Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Alexandre Dáskalos, Antero Abreu, António Cardoso, António Jacinto, Costa Andrade, Ernesto Lara Filho, Henrique Abranches, Jorge Macedo, Mário António, Ruy Duarte de Carvalho, Tomás Jorge e Arlindo Barbeitos), outros ainda vivos (como Arnaldo Santos, Henrique Guerra ou Manuel Rui, este último mais conhecido hoje como ficcionista). Estão ainda nesse grupo autores de menor projecção, como João Abel, e sobretudo nomes que têm dividido a crítica, sobretudo a angolana, casos de Cochat Osório (o mais esquecido de todos), Geraldo Bessa Victor e Tomás Vieira da Cruz (que alguns preferem ar-

*rumar* na literatura colonial) e, suscitando menos resistências, João-Maria Vilanova. Uma vez mais, é de saudar esta dimensão de abertura revelada pelos organizadores, que assim propõem a releitura de tais poetas — que o são, de facto — e a revisão do cânone poético angolano por uma perspectiva menos marcada político-ideologicamente.

Além do destaque atribuído a esses autores, Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira assinalam de outro modo a centralidade da revista *Mensagem* (1951-1952), dinamizada pela Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA, *filhos de Angola*): por um lado, através da seleção de poemas aí vindos a lume (casos de «Mamá Negra», «Namoro» «Serão de Menino», «Dois Poemas à Terra», de Viriato da Cruz) e, por outro, graças à inclusão de autores que aí colaboraram e que depois fizeram diferentes opções estéticas, políticas, de vida (casos de Ermelinda Xavier, Maurício Gomes, Humberto da Silvan, Lília da Fonseca ou Bandeira Duarte).

Há depois um conjunto de escritores mais ou menos da mesma época e com idêntica orientação estética, casos de Mário Pinto de Andrade, Manuel dos Santos Lima ou Eugénia Neto. Percebe-se, pela relevância da figura e do texto, a inclusão do primeiro destes nomes, embora se trate de um poeta menos que bissexto, autor de um único poema, em kimbundo. Porém, a igualdade de critérios talvez recomendasse a inclusão de outros autores, como Luandino Vieira.

Outro aspeto a ainda salientar é o facto de os antologadores terem incluído uma série de representantes da poesia de guerrilha, contrariando assim a tendência para a menorização deste importante momento literário angolano.

Quanto aos autores mais próximos de nós no tempo, há uma série de boas con-

firmações, a começar por aqueles que serão hoje os nomes mais conhecidos e valorizados em Portugal, casos do já falecido David Mestre, ou de autores tão diversos como Paula Tavares — uma das 18 mulheres representadas na antologia — e José Luís Mendonça.

Outros bons poetas, com presença mais discreta no nosso país, são Lopito Feijó K., João Melo, o organizador Carlos Ferreira e, entre os mais jovens, Carla Queirós, o já referido David Capelenguela ou Cristóvão Neto. Por entre uma grande diversidade de temas, motivos e linguagens, vai-se desenhando um regresso à essência da poesia: a secundarização do referencial e o privilégio da palavra, ponto de partida e de chegada.

Impõe-se ainda uma observação sobre as gralhas, tanto as que afetam o texto como as que prejudicam o volume. No primeiro grupo, para além do caso apontado atrás, há alguns lapsos na transcrição dos poemas, sobretudo os mais antigos: na p. 65, deveria ser «Vejo [e não *Veja*] ao longe branquejar»; na p. 81, não é «E se não *a* podia vê-la»; na p. 85, deveria ser «Que [e não *Quem*] nem caldo daria, succulento;», etc. Quanto ao segundo, há um lapso no índice (a entrada relativa a António Dias de Macedo está fora do sítio); na p. 13 vem o título «*Percursos*»; e nas «Referências Bibliográficas» está incluído um autor, Uanhenga Xitu, que não entra na antologia. Todos estes casos podem ser facilmente corrigidos na edição angolana prevista para breve.

Concluindo, mais que uma coleção de flores, este *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor* comprova a solidez da tradição poética angolana e fornece aos teóricos e críticos uma excelente base para a elaboração de uma história e de uma teoria da literatura angolana há tanto reclamadas.

Francisco Topa